

Susilene Maria Tonelli Nardi

## ESTIGMA - QUEM SOMOS NÓS?

Os discursos sobre o estigma inevitavelmente permeiam pessoas e suas condições físicas, seus desvios de caráter, suas nações e raças, religião e até suas preferências não convencionais. Os indivíduos de uma sociedade parecem estabelecer normas para o que atribuem como “normalidade” e mesmo que não intencionalmente, enquadram os sujeitos dentro de contextos aceitos pela maioria; aqueles que não se coadunam com o quadro de expectativas sociais, correm o risco de sofrer com a exclusão social.

Em tempos modernos urge aceitar o diferente, haja vista a crescente conscientização dos grupos reconhecidos como “desiguais”, demonstrado por suas muitas manifestações e reivindicações.

Ao relembrar as situações de exclusão que viveram, e ainda experimentam, as pessoas com hanseníase, pode-se atribuir a razão destes fatos à sua história.

A ciência, no entanto, traz alguns alertas sobre a condição do estigma e seus fatores associados, que nos levam a reflexão mais aprofundada do assunto. Entre eles se salienta, o analfabetismo, a percepção de que a doença é grave e difícil de tratar, a mudança de profissão devido a hanseníase, as crenças culturais e religiosas, o medo da transmissão, a falta de conhecimento sobre a doença, a baixa renda familiar, além de deformidades visíveis ocasionadas pela doença. Portanto, este tema complexo e multifacetado precisa ser debatido nos cenários científicos, políticos, dos movimentos sociais e de diferentes culturas intencionando refletir e encontrar a realidade sobre a exclusão social

Nardi SMT. Estigma - Quem somos nós? Hansen Int. 2013; 38 (1-2): p. 1-2.

das pessoas que tem ou tiveram hanseníase. Sem aprofundamento nesse tema, as soluções para o problema irão flutuar à deriva.

Há de se refletir sobre o lugar que ocupamos nessa sociedade: somos os excluídos ou os que excluem? Em que situação excluímos, quem excluímos, quando sou excluído? Sem mudar o olhar para o outro e para nós mesmos, os caminhos serão os mesmos, os erros se repetirão e as armadilhas do preconceito poderão nos surpreender.

Conhecer e reconhecer uma condição são os primeiros passos para a mudança. Excluir uma pessoa ou um cidadão leva à negação do entendimento de totalidade do ser, da capacidade de ação e das potencialidades individuais.

Este número da revista *Hansenologia Internationalis* traz algumas contribuições importantes sobre o tema estigma, entre outros não menos importantes, e com muita honra convido os leitores a refletirem sobre como a ciência pode nos ajudar a construir novos caminhos.

*Susilene Maria Tonelli Nardi*

## STIGMA – WHO ARE WE?

The speeches about stigma inevitably permeate people and their physical condition, their character, their nations and races, religion and even their unconventional preferences. The individuals of a society seem to establish standards for what is considered “normal” and even unintentionally, individuals are labeled according to characteristics acceptable by the majority; those who do not fit these socially imposed standards are likely to suffer from social exclusion.

In modern times there is an urgent need to accept the different, given the crescent awareness of groups recognized as “unequal”, demonstrated by their manifestations and demands. The history of people affected by leprosy can be blamed for the exclusion situations they have been facing.

Science, however, brings some alerts about stigma conditions and factor associated with it and that lead us to deeper reflection on the subject. Among them there is illiteracy, perception that the disease is severe and difficult to treat, change of job due to leprosy, cultural and religious beliefs, fear of transmission, lack of knowledge about the disease, low family income, and visible deformities caused by the disease. So this complex and multifaceted issue needs to be debated in scientific and political scenarios, social movements and different cultural backgrounds aiming to reflect and find the reality of social exclusion of people who

Nardi SMT. Stigma – Who are we? Hansen Int. 2013; 38 (1-2): p. 1-2.

have or have had leprosy. The lack of a deep discussion about this issue will result in drifting problems.

One has to reflect on its role in this society: are we excluded or that who excludes? In which situation one excludes? When one is excluded? If we do not look to others and to ourselves, we will follow the same patterns, repeat past mistakes and the pitfalls of prejudice may dazzle us.

To acknowledge and recognize a condition are the first steps into changes. The discrimination of a person or a citizen leads negation of understanding of the totality of a human being, impairing his potential.

The present issue of *Hansenologia Internationalis* brings many contributions about the theme stigma, among others not less important, and with great honor I invite the readers to reflect on how science can help us build new roads.